

O Intruso

POR ANDREA COOPER

Por volta das 6h30 de uma ensolarada manhã de outono, um homem dopado por anfetaminas perambulava a esmo por um bairro residencial de San José, invadindo quintais, testando portas dos fundos. **Uma delas cedeu...**

MARCUS ALLEN PADEN, 19 anos, esgueirou-se para dentro da casa de Suzanne e Tom Marotti.

Ruídos. Resvalando pelos planos da percepção. Sons estranhos que aos poucos se tornavam vozes que iam e vinham. Suzanne Marotti dormia no quarto de um dos filhos, para escapar dos roncos do marido, Tom. Mas aquilo não eram roncos. Talvez as crianças tivessem ligado a TV. As vozes ficaram mais fortes. Palavrões. Gritos.

O SONHO DE Suzanne Marotti era ser uma princesa. Aos 20 e poucos anos era uma garota despreocupada, que

gostava de festas e de sair com os amigos. Vendedora de uma joalheria, tinha um bom salário e sabia como gastá-lo.

Um belo dia, Tom Marotti entrou na loja para comprar um anel. Suzanne foi logo atraída por seu físico forte e jeito ousado. Ele a convidou para sair. Ela respondeu que não namorava clientes. Mas ele insistiu, e seguiu-se um romance ardente.

Tom, sócio de uma firma de construção, estava acostumado com mulheres que eram vistas, e não ouvidas. Suzanne lhe disse que esquecesse isso. "Ninguém vai mandar em mim."

E eles se casaram.

Tom reformou uma casa modesta,

transformando-a numa bela propriedade. Levava Suzanne para dançar e para passar férias em Las Vegas. Se sua princesa quisesse móveis novos ou um carro, ele providenciava.

Então Suzanne descobriu que estava grávida. E a vida começou a mudar. No sétimo mês ela sentiu um caroço no pescoço. Os médicos diagnosticaram um linfoma de Hodgkins. Dois meses depois do nascimento de Tommy, Suzanne foi operada para extrair o baço. Após nove meses de quimioterapia, os médicos afirmaram que ela estava em remissão.

Nesse período Tom também enfrentou uma situação assustadora. Ao subir uma escada, desequilibrou-se e caiu – foi o primeiro sintoma de sua esclerose múltipla.

Com dificuldade mas resoluto, Tom continuou a trabalhar em sua firma de construção e Suzanne engravidou de novo. Entretanto, dias depois do nascimento de Matthew, Tom contou que os sócios lhe pediram que deixasse a empresa, pois não estava produzindo o suficiente.

Aos poucos, a princesa tornou-se arrimo de família e com o tempo abriu a própria joalheria, no ano em que nasceu o terceiro filho, Daniel. A família e o amor por Tom aumentavam a cada dia – e as dificuldades também. Quando Tom começou a perder o controle dos membros, Suzanne contratou Todd Leach, que foi morar com eles para cuidar de Tom.

SUZANNE CORREU para o local de onde partiam os gritos, no quarto prin-

cipal. Parou, chocada, no limiar da porta. Um intruso tinha uma faca encostada na garganta de Tom.

– Quem é você? – gritou ela. – Ele não pode andar! Não está vendo a cadeira de rodas?

Assim que olhou para o lado, Suzanne o atacou. Saltou na cama e agarrou-lhe o pulso.

– O que você quer? – perguntou, aos gritos.

– É melhor sair daqui! – disse o homem.

Embora Tom não pudesse se mover, não estava em sua natureza acovardar-se. Tentou chamar a atenção do homem, gritando:

– Vá em frente, rapaz! Vamos lá, ande! Venha me pegar!

Era assim que teria reagido antes da doença. Naquele momento, não sentia medo.

O tumulto também despertara Tommy, 9 anos, que apareceu à porta do quarto. Ao ver a cena de pesadelo, começou a chorar.

– Não machuque meu pai!

– Chame Todd! – gritou Suzanne para o filho.

NUM QUARTO no andar de baixo, Todd Leach também tinha ouvido barulho. A princípio pensara que fosse a TV ou uma discussão do casal. Mas ouviu uma voz diferente e depois um baque forte. Levantou-se da cama e correu para o quarto principal.

Ao olhar pelas portas duplas, ficou paralisado. Tom estava no chão.

Um estranho estava sobre a cama, ameaçando Suzanne com uma faca. Era alto, magro e tinha uma expressão desvairada nos olhos.

- Todd, pegue-o! - gritou Suzanne.

Paden entrou em pânico e desceu da cama correndo, derrubando Todd no corredor, onde também estava Tommy. O garoto fugiu para o quarto do irmão e mergulhou debaixo da

suspendendo-o no ar. Suzanne e Todd pararam no vão da porta.

- Dê o fora, vagabunda! Vou acabar com ele! - disse Paden a Suzanne. - É bom sair daí.

- Se você o machucar, juro que eu mesma mato você - ameaçou ela.

Até aquele momento, Suzanne não tivera tempo de pensar, só de reagir. Era tudo estranho, irreal, mas agora,

**“Leve os meninos embora!”,
gritou ela. “Tire-os daqui!”**

cama. Paden seguiu-o e passou a faca por baixo da cama, quase atingindo a criança.

Sozinho no quarto, Tom sentiu o medo aumentar - não por ele, mas pela família, por quem nada podia fazer.

No outro quarto, Paden viu Daniel, 2 anos, deitado na cama. Agarrou o menino pelos braços e começou a sacudi-lo no momento em que Suzanne e Todd entravam no quarto. Suzanne conseguiu se interpor entre Paden e o filho.

- Tire-o daqui! - gritou para Todd.

Foi nesse instante, porém, que Matthew, 4 anos, surgiu no corredor, sonolento. Paden correu e, passando por Suzanne, agarrou o menino e entrou no banheiro contíguo.

Paden subiu no vaso sanitário, talvez pensando que pudesse sair por uma pequena janela. Com um dos braços cingia o pescoço de Matthew,

pela primeira vez, ela se deu conta de que estava enfrentando um louco que poderia matar seu filho, matá-los a todos. O que deveria fazer? Negociar com ele? *Matthew é seu refém. Não vou deixar que nada lhe aconteça. Não vou ficar aqui parada.*

E tornou a avançar sobre Paden, a força derrubando os três no chão. Matthew livrou-se de seu captor e correu para junto de Todd. De joelhos, Suzanne lutava para se soltar. Paden puxou-a pelos cabelos e encostou-lhe a faca na garganta.

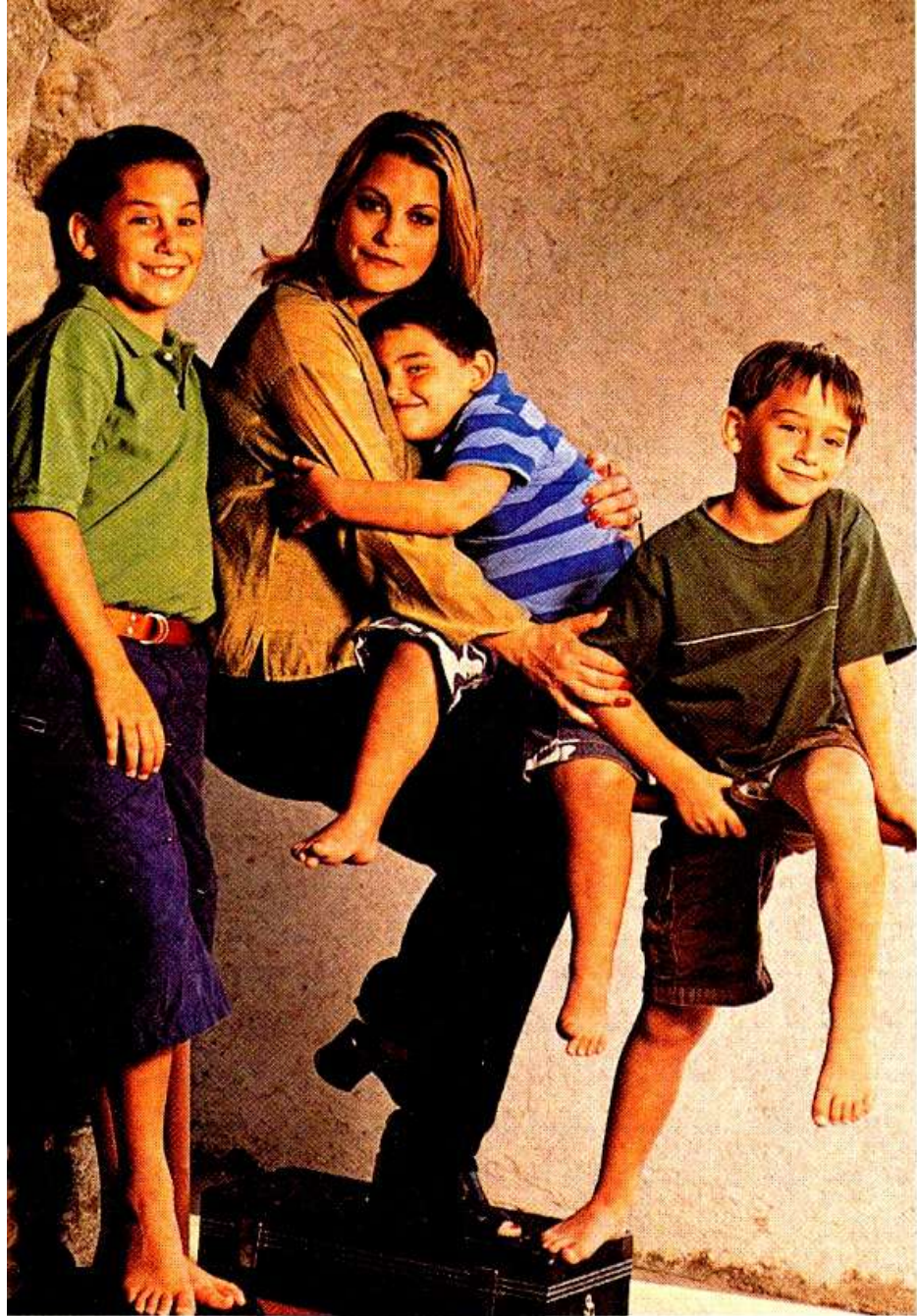
Todd tentou acalmá-lo.

- Tudo bem. Não precisa fazer isso - disse, estendendo as mãos e falando com calma.

Quando ele se adiantou, no entanto, Paden ficou mais agressivo e apertou a faca contra a garganta de Suzanne.

- Vou matá-la. Não se mexa.

- Leve os meninos embora! - gritou Suzanne. - Tire-os daqui!



Suzanne e seus meninos (a partir da esquerda), Tommy, Daniel e Matthew – de novo em segurança.

E, como num sonho, ela viu Todd recuar com Matthew e lentamente fechar a porta do banheiro.

NA SALA, TODD pegou o telefone e ligou para a Emergência – e ouviu uma gravação. Sem poder esperar mais, levou os meninos para fora e os instruiu a correr para a casa de um vizinho. Voltou para dentro de casa e, ao passar pelo banheiro, gritou para Suzanne avisando que os garotos estavam a salvo. Tornou a ligar para a

Emergência. Dessa vez, atenderam.

O sargento Robert St. Amour chegara cedo naquele dia. Membro da Equipe de Repressão ao Crime Violento do Departamento de Polícia de San José, preparava uma ordem de prisão quando recebeu o chamado.

Momentos depois os carros partiam rumo à casa dos Marottis. St. Amour ouvia os detalhes no rádio: agressor invadira casa. Homem desconhecido com uma refém. Tem uma faca em sua garganta. A mulher luta com ele.

Com 23 anos de experiência, St. Amour conhecia as probabilidades num caso como aquele. A mulher estaria viva quando chegasse?

– ESTOU CALMA, não vou mais resistir – disse Suzanne a seu algoz. – Mas não me machuque.

Por instinto, ela recorrera a uma estratégia de vendas. Seja amável. Continue falando.

– Vou cortar você – ameaçou Paden. – É melhor calar a boca.

– O que você quer?

– Estão atrás de mim.

Ele foi para um canto, arrastando-a pelos cabelos.

A boca de Suzanne estava seca. Tinha de manter a conversa.

- Você fuma? Eu precisava de um cigarro agora.

- O quê? Um baseado?

- Não, cigarro comum. - Ela tentou falar com displicência. - O que você quer? O que está fazendo aqui?

- Estão atrás de mim. Vão me matar. E vou ter de matar você também.

Os olhos de Paden se moviam para cima e para baixo, olhando para a janela do banheiro. De novo, arrastou Suzanne pelos cabelos.

- Você está me machucando! - gritou ela, e tentou golpeá-lo.

Paden bateu a cabeça dela contra a bancada. Suzanne gemeu, agonizada, e o jeito de Paden mudou.

- Sou só uma mulher - disse-lhe. - Você não tem irmãs?

Ela percebeu um ligeiro lampejo de vida na fisionomia dele.

- Tenho uma irmã.

- Você não ia querer que fizessem mal a ela, não é? - Ela tentou outra tática. - Você veio à casa errada. Meu nome é Suzanne. Qual é o seu?

- Não interessa - respondeu ele. - Já estou morto porque falei. Agora vou levar você comigo.

DEPOIS DE CHAMAR a polícia, Todd correu para o banheiro e abriu a porta devagar. Isso deixou o intruso agitado. Suzanne pediu que o empregado ficasse de fora. Ele recuou e foi para junto de Tom. Levantou-o do chão e carregou-o para a cama.

- Faça algo! - implorou Tom. - Arrebente aquela porta.

Todd estava num dilema. O que poderia fazer? Resolveu que o melhor seria ir lá fora ver se os tiras estavam chegando.

- De joelhos! - veio a ordem, aos gritos.

Três policiais, dois na frente e um nos fundos, haviam chegado e cercavam a casa. Todd atirou-se no chão, as mãos para cima.

SUZANNE MAIS UMA VEZ tentou se livrar. Enquanto se debatia, a faca cortou-lhe o dedo. O sangue escorreu.

- Você me cortou! - exclamou, irritada, tentando ficar em vantagem. - Dê-me uma toalha.

Paden afastou os cabelos de Suzanne para ver se tinha cortado seu pescoço. Sempre agarrando os cabelos dela junto do couro cabeludo, entregou-lhe uma toalha. Ela tentou envolver a mão, mas Paden atirou a toalha longe - e obrigou Suzanne a se deitar no chão. Depois deitou-se por cima dela.

Chegou a hora, pensou Suzanne.

No entanto, ele não tentou estuprá-la. Apenas passou por cima dela e reposicionou a faca, de modo insano, no pescoço, no coração, na barriga e de novo no pescoço.

Suzanne estava exausta. Não sabia como reagir. Precisava de um plano. Mas o quê? Ela podia ouvir Tom gritando do quarto, no fim do corredor:

- Suzanne! Suzanne!

- Estou bem! - gritou em resposta,

embora nem de longe estivesse bem.

- Socorro! Alguém ajude minha mulher! - gritou Tom.

PADEN ESTAVA cada vez mais perturbado. Arrancou a tampa da caixa de descarga e tentou obstruir a janela, mas acabou despedaçando-a. Cacos de louça caíram pelo chão. Suzanne estava deitada entre eles.

- Posso esconder você - disse ela, lembrando-se de que ele mencionara alguém que estava atrás dele. - Tenho um sótão. Posso fechar você lá dentro. Nunca vão encontrá-lo.

A princípio, ele ficou calado.

- Como assim, um sótão?

Suzanne prometeu escondê-lo entre os caibros, onde ninguém procuraria por ele. Tentava ganhar tempo.

Enquanto ela contava sua história, ouviu passos no corredor. Paden também ouviu. Ele pulou para dentro da banheira. Agarrando-a pelos cabelos, tentou arrastar Suzanne com ele. Ela, porém, gritou com todas as forças que lhe restavam.

A PORTA SE ABRIU COM força, e o sargento St. Amour e dois policiais entraram. Atordoado, Paden deixou

cair a faca. Mas, quando o puxaram de dentro da banheira, ele resistiu. St. Amour e os outros o subjugarão e amarraram suas pernas.

Durante a luta, Suzanne engatinhara para pôr-se em segurança. Estava sangrando, mas estava viva. O marido estava vivo. Seus filhos estavam vivos. Ela lutara com todas as forças. E estava tudo acabado.

MARCUS ALLEN PADEN passou vários meses em tratamento num hospital psiquiátrico do estado. Depois declarou-se culpado de 12 delitos. Também confessou estar sob a influência da metanfetamina no dia da invasão.

Por sua reação instintiva, rapidez de ação e coragem, Suzanne Marotti recebeu condecorações e homenagens do Estado da Califórnia e do Departamento de Polícia de San José. Entretanto, o elogio mais precioso veio do marido, Tom. Sabendo que a mulher que amava havia superado a doença e incríveis provações, ele disse: "Ver como ela reagiu diante da adversidade me fez amá-la mais do que nunca. Se existe alguém mais forte do que eu, esse alguém é ela."

NÃO PERGUNTE PELA RAINHA

Estávamos comemorando o 100º aniversário de nossa igreja. Vários ex-pastores e o bispo estavam presentes. A certa altura, nosso pastor reuniu as crianças no altar para conversar sobre a importância daquele dia. Começou com uma pergunta:

- Alguém sabe o que o bispo faz?

Muito sério, um menino respondeu:

- É o que anda pelo tabuleiro na diagonal. LILLIE LAMPE, EUA

